

**António Rodrigues, 1998**  
**O CÉU DA CASA**

«Os primeiros objectos de Ana Vieira datam de 1967 e materializam a encenação espacial do vazio e da transitoriedade da imagem. O procedimento questiona a imagem e a representação, aproximando-o da próxima e muito diversa preocupação das sombras de Lourdes de Castro, das transparências de Noronha da Costa e da “real percepção do contingente” de Pistoletto, autores que então interessaram a Ana Vieira.

Peças como *A Senhora M.M.T.S.* ou *Efígie Transitória* integram o espelho para que, a partir do jogo dos reflexos e das simetrias, o espaço se afirme no plano virtual. Estas não são imagens de alguém, como sublinha o título pseudo-identificador d'*A Senhora M.M.T.S.*, mas de si próprias, com o seu sentido dialéctico do oculto e do manifesto. Silhueta esvaziada e ao mesmo tempo sombra que a substitui, *A Senhora M.M.T.S.* não nega a imagem, antes a redimensiona enquanto contorno ou ocupação efémera do espaço. A sombra pintada no espelho é azul. O azul que aparecerá em muitos trabalhos de Ana Vieira. Esse azul monocórdico que cria distância.

Ana Vieira trouxe essas imagens esvaziadas para o próprio espaço, na série de objectos da sua primeira exposição (instalação-ambiente) individual, em 1968, que coisificam passagens e posições figuras ausentes. Resíduos da ocupação do espaço pelo corpo vital, aquele que corre, que anda, que se senta ou se reclina. O espaço atravessa estes objectos brancos, que se deixam ver como fragmentos de paredes (des)ocupadas e atravessadas por seres deste mundo. Sombras, podemos dizê-lo, mas mais do que imagens negativas desses seres anónimos, afirmam que a sombra é uma habitação.

Da sombra enquanto casa, resguardo do corpo, Ana Vieira passou à imagem primordial da habitação, a Casa, em uma primeira série de ambientes que apresentou em 1971, 1972 e 1972-1973.

O primeiro simula uma sala de jantar – o lugar ritualista da casa – de mesa posta e som de comensais, e este processo de *mise en scène* não deixa ilusões sobre a virtualidade do objecto-espaço ao mesmo tempo que lhe garante uma dimensão de excesso. Aqui o espaço é tudo e é ele que anima a memória. Esta é a casa onírica que existe em cada um de nós, uma casa lembrança-imaginação. Não se trata de habitar a casa pela lembrança, mas de viver na casa desaparecida tal como lá sonhámos um dia. As redes transparentes, com as suas sombras de objectos e de móveis, levam o espectador, obrigado a ficar de fora e ao acto de surpreender próprio do *voyeur*, até ao centro da sala. A bem dizer, até à mesa posta. Melhor dizendo, até ao centro do devaneio. Ana Vieira trabalha a partir do devaneio, que necessita da solidão e da melancolia sem causa para as suas acções imaginárias.

No segundo ambiente realizado, em 1972, a transparência das redes brancas conduz o olhar, uma vez mais, para o centro do “salão”, constituído por uma reprodução da *Vénus de Milo*, protegida por idênticas redes transparentes, em torno da qual estão cadeiras alinhadas e uniformizadas a preto. Preto no branco, aqui se recusa a arte tradicional e os seus mecanismos de representação e de recepção. Mas sem parangonas programáticas, antes por um subtil jogo teatral de deslocação de peças.

O objecto-ambiente, à falsa semelhança da escultura tradicional ou jogando com essa similitude, só é penetrável pelo olhar. Mas a escultura que somos levados a contemplar é uma cópia de uma das obras de arte mais celebradas e também mais banalizadas pela reprodutibilidade. A distância estabelecida é aqui dupla. Distância em relação ao espectador que fica de fora, não para ficar imóvel a contemplar a Obra, para andar à volta desta, espreitando-a até aos limites da sua visibilidade. As cadeiras

---

dispostas frente aos quatro lados do objecto põem em cena esse olhar mortuário do espectador de belas-artes. Distância em relação à Arte, que fica dentro, museificada no seu isolamento de objecto de Belas-Artes, prisioneiro da voracidade dos olhares ausentes, impondo a sua presença vazia ao vazio criado à sua volta.

Ana Vieira volta à sua recusa dos meios tradicionais da arte, com a instalação *Le déjeuner sur l'Herbe 77*, realizada para a "Alternativa Zero". A reprodução de *Le déjeuner sur l'Herbe* de Manet – pintura pioneira da pintura moderna, concebida a partir da tradição da pintura, para abrir uma fenda na pintura académica – é projectada no chão enquanto toalha de objectos de picnic, a que se juntou uma inusável paleta com pincéis. A ironia deste processo de desdobramento desviado estabelece uma distância em relação à pintura, pousando-a no chão até ao seu apagamento, e em relação ao espectador levando-o a olhar para baixo, o lugar do morto. {...}»

**Catálogo Ana Vieira, Porto, Fundação de Serralves, 1998, pp. 15-19 (excerto)**

**Catálogo Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls; Ponta Delgada [Açores], Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 210-211 (org. Paulo Pires do Vale)**

---